

SILVA FREIRE

— no luscofengano da madrugada
treme na mão de
Nhonhô de Manduca
um luzir de vela de sebo/
pinga
pingando de promessa . . .

CADERNO

11

DE CULTURA
(POEMA)

**os
meninos
de
são benedito**

— nos 233 anos de tradição do Povo

— nos 81 anos de fundação da Irmandade

grande cuiabá/1978

- raiado de sol
que(i)madura
pequeno **cabo-verde**
inaugura a liberdade do **tanque do baú**
no mergulho que rí
púa e
borbulha...

- num escondido
do
parquinho do **araés**
esse merino
proibido
inventá de tres pedrinhas
o encanto da solidão

- na conchinha da mão esquerda
/pião de bateia/
baguazinho repeneira
no imã do dedo
granitinhos de ouro achados
no aluvião
da ilusão...

- num baquité
entupido de corguinho/
ditinho vigia o à-ufa de lambaris
/priscando de anzolinhos/
pra gente esturricar nos dentes
fresquinhos de fritos na hora

- atrás do paliçado
miró sapeca a língua
na raspagem do queima tacho
supimpa de curau
amarelinho de milho verde

- na cova
do **são Joãozinho**
tristeza de tico
chorou
no olho da ferida subterrânea

- papai noel existe/**tião?**
- não e sim.
- como isso?
- nele/eu não ganho presente...

- mêro... mêro... mêro...
- primeiro no arranca
último no escosto/topa!?
- feito/ mas só se for até no estuca hein!

- de velocidade espaço
o menino em férias
faísca o tempo
crivado
na confissão da paisagem

- côncava demora
/segredo/
fricote que menina a
curvelínea espera do menino

— meninos
mastros podados nos bairros/
sempre
demoraçãõ de se criar
bate-baretando que demora(da)mente

— perfil de leve raiva
ou
pálpebras de passarinho/
úmidas de saliva e soluço

— na cadeira de urubamba
um
mudo nos olhos do birf:
ardido rodopio... seu desmáio
no equilíbrio da burrica...

— no cri-qui-ri
no grin-gui-lim
— te soco hein!

— no finca-finca
— arrea...

— no paredão lá do zelão
— arrea...

— na distração do esquecido
— tabufo!

— olho empapuçado
/dor d'olho/
turbulência só
na
carapuça do intestino

— êsse menino
tá espremido de jabuticaba...
— passa óleo-de-ricino na saidera dele/donana.

— quem raspou de pinhéé
essa cabeça de zólito..

— ninguém
— escoriação da vida
— "cabeça pelada
caiu no melado
ca-ra pinhééé..."

— um mirrado de menino
dorme seu braço ao relento:
cobre-o sonâmbula sombra de
sono...e
sonho...
e ave...
— de fome
de uvequeda —

— no pari-gato/
liso banco estreito
alinha-se do quando
que
espreme o espaço-pessoal que
empurra

— virge são beneditol
assussega ai criançada
para qu'isso
de
relampagueamento...

- curro
curro
- quer de baixo
ou
quer de cima?
- quero o abaixo o curro...
- o de cima ou de baixo?
- o alto-a-baixo
o abaixo o curro/viul

o debruço testando
na parede...
mão nas costas
mão parada
nem que treme/
(grita a palmada no cuspido da dor)

- viraaal
- foi você!
- corco-veial
- você!
- irre corno burro...!
- revira e corcoveiaaaa...
- com chinelo de vira/não/pombal

- de que dorme esse menino?
- desse eterno instante de tranquila
paz do efeito original de que fui feito

- na caixa do peito de **cripim**
/inchada de sopitação/
ressona nesse seu sem dono
uma tristeza universal de companário
quando vai morrendo o amor...

- se'u levar bomba ôtra vez
boto fogo nessa ignorantícia de taboada...

- **jucão** deu sapo no zecáqui/tá 'uvindo?
- então por que?
- tava matano ben-te-vi a'soco/no bufante

- biboquê de marmelada bola/
corambolando nos volteios da mão

- rede de são-caetaninho entrada de dedos
/miudinhos de piquíras/
espremendo esperança na praia do corguinho...

- novelo no esconde o carretel
enchendo-se de pandorga

- bolita laurita/batedeira cascabuia
estalando na sacolinha de algodoin
encardida de pegação
de aposta...

- time de botão de osso/de 4 furos
(aquela amarração em cruz)
e as linhinhas da ceroula de genovesa
no atrapalho:
(1 quipe - 2 béqui - 3 alfi - 5 linha)
... e o falar no hábito da forma/
se destinando às miudezas

- no areião

essa multidão devota
enfeitando de humildade
o hino secular dos **beneditinhos**
— de assobio coió
o malandrinho
assume
na canaleta do beijo
seu assunto sentimental dos treze anos

vadinho cresceu num piscar
foi-se...
ficou do mundo/
nisso
o **despraiado** virou
reta sem fim
encascalhada de saudades
/meio parente de avenida caipira

— dai **laurentino** tirou o casquete
no peito um estufo
nem não cuspiu
arrotou a sentença:
— o negócio é assim de home...
agora/pra sê home mesmo
o nêgo tem que relar a bunda
no caco de vidro
sem chorá o sangue derramado!

— **sandoval** tiçou pro **ribeirão da ponte**
bateu na **quarta feira**
veio varar no **quintal grande**
saiu no **largo da biquinha**
/condecorado/
na funda michilin era só
batismo de sangue de cága-sebo
e lebre fria estirada no pelote...

— soluça **totico**... tenteia
tenteia o zunido do vento
qu'essa linha é 16...
solta telegrama pro vento
no papo do papagaio...

— bexiga de pōrco/ nem dá bicuda
bexiga de boi/ que redondo fofol
(infladas de assopro no talo de mamoeiro)

— bola de meia/ com recheio de capim-de-burro
(tirada lá de bem no fundo do bauzão)
meia mofando de roída
puida daquelas vaidades...

— bola de seringa/murcha na sombra
estalando no sol

— bola de boracha/ rachadinha de largada
sujidade dos ôtros

— bola de pneu/ ensebada na costura
gomada no tato arretado:
nº 3 durinha na descaida
nº 5 tirindo no que arde o estalo
da pegada/
...mas quando, quando meu **são bendito**/
qu'eu vo ter uma bola de pneu!?

- meninos na eternidade
passando e ficando
ficando e passando
- só não sabe os que vão bem indo
- não tem tú
não vai tú mesmo/
afanásio
de ocuca no corpo!
- já tá de férias/**cerinha?**
- sim senhor/**pai**
- então acorda cedinho/prá ficar
de não fazer mais nada...
- ...nem num adianta/**chambalé:**
no cuspe à distancia o
formigão
tem língua de mola...
- a como que ocê tá vendendo essa
pamonha/**bugrinho?**
- biricera seo **nacleto:**
é duas por trezento réis
- ... daí peguei no papo dele/ fomo pro aloito...
- ora/vamo detchá de tá co'estória/**ciríaco/**
ocê é finfim, seo!
- ah! é... então vá merda co'água pro'ce...
- no lusco-engano da madrugada
treme na mão de
Nhonhô de Manduca
um luzir de vela de sebo/
pinga
pingando de promessa...
- **bié!** bié!
- quê que ocê qué **carlo augusto**
- **bié!**
- péra um pôco seo... já tô fisingano um brutello
- tenho inveja de você/**bié**
- agora **detcha** disso... o quê qu'eu te fiz!
- nada mas voce sabe pescar: come lam-
bari frito todo dia...
- ah isso é só na lufada/ não tem ruindade
nisso
- eu sei **bié/** mas lá em casa
é só bife
só bife
bife e ovos e maionese e bife/todo dia
- agora até eu também fiquei com essa inveja
que você falou/**carlo augusto/** que
lambarí frito é bom é bom até
demás/até
(e **bié** ferrou um sauí dos graúdos/
fazendo enfeite na cambadinha içada no
cipó-tripa-de-galinha)
- por isso / **bié**
quando o sono
anoitecer teus lábios
/hominho do mundo/
há de cair no céu

uma presença minha
nesse desmáio de luminosa paz...

uma poesia de resistencia

Escrever sobre a poesia de Silva Freire é tarefa das mais fascinantes. Fascínio que se torna cada vez mais intenso à medida que nos adentramos no complexo universo poético desse artista da palavra.

A primeira abordagem, o grande impacto que se sente é o de se estar diante de uma *Nova Ótica*, parida do ventre da terra matogrossense — fruto e flor que a legitima e revela.

Pois não há dúvida que essa *Ótica*, em que pese a sua originalidade, tem a sustentá-la e instrumentá-la o caráter telúrico que se observa em toda a extensão de sua obra e que provém do conhecimento íntimo e profundo que Silva Freire possui da sua terra. Não se trata, portanto, apenas de uma aproximação intelectual da realidade mas, sobretudo, de um exercício de amor, admiração e respeito que o artista elabora enquanto desvenda a árdua vivência do homem que habita esta vastidão geográfica chamada Mato Grosso.

“— esses longes lugares
nesses últimos distantes
onde o cerrado se encarrapicha
o homem
sanguessuando
sanguessuga o sumo da terra”
(cerrado / raízes)

“— O homem sobre a terra
sobre si mesmo
homem/flora
raízes
flutuante coletor do extrativismo”
(seringal / seringueiro)

O que se supunha conhecido, estabelecido e inteiramente decodificado na paisagem cotidiana da nossa circunstancialidade, reveste-se, assim, de ignoradas imagens, insurge-se de novos parâmetros, indica desconhecidas fontes de percepção e poesia.

“— é de vento
o verde
que inventa
a cabeleira do canavial”
(canavial)

E eis que se nos depara o segundo grande momento da obra: a busca da essencialidade. Que traduz tanto na artesanaria da palavra — de um rigor vocabular incomum — quanto na geométrica construção dos blocos e que por fim se configura na imagem visual que o conteúdo poético imprime. (1).

“— o oleiro é seminal
no tema do problema
no emblema que o destino inventa”
(os oleiros)

— no ventre-piquete
dessa égua prenha
arde a paridura de relinchos
desbravando o inteiro conhecimento
/ seus caminhos essenciais/”
(os cavalos)

Neste particular a obra de Silva Freire adquire um caráter eminentemente didático, implícito na utilização dos versos como módulos orgânicos, dispostos ludicamente no espaço, permitindo ao leitor desdobramentos vários de construção e leitura. A intencionalidade do jogo,

aqui, não é fortuita, mas uma virtualidade do próprio poema: incitamento à prática criadora.

(Usando deste meio, "trabalhamos" alguns de seus poemas na montagem de várias cenas do espetáculo teatral "Mato Grosso, Mato Grosso", por nós dirigido em 1976).

Por outro lado, tal didatismo não tem nada a ver com o didatismo do discurso, da "aula expositiva", da pretensão paternalista e estéril de "transmitir conhecimentos", mas, sim, àquela que remete o homem ao essencial do homem e o coloca por inteiro ante sua própria contingência. Dai a concepção dos seus temas alçar dimensões que extrapolam os limites geográficos da regionalidade para se alongar na transcendência do universal.

"— o oleiro carangueja
seu consumo
no sumo
do resumo"
(os oleiros)

— "a velha redeira tateia
no desenho
o engenho
da solidão"
— a trama que une as mãos"
(as redes)

Na prospecção da realidade, em busca do que ela tem de secreto e essencial, é inevitável que o sentimento de isolamento e solidão imante seus poemas — características primeiras do confronto que o homem matogrossense estabelece ante a espacialidade física de sua vivência.

"....." "na floresta seringueira
— no sono a réstea
solidônia floreia de sol
e solidão" a flor sozinha
(os oleiros) se enxugando de sozinha
(seringal / seringueiro)

Como, também, inevitável que incorpore a sensualidade natural, latejante, às vezes crua, da intimidade centro-oesteana.

"— na alcova da mata
essas plantinhas se rosando
resando
se roçando "na timba
roçadas de ninguém... o curvo uso
sonorizadas de orgasmo" dos corpos:
(seringal/seringueiro) atos
fatos
fetos
revida"
(as redes)

Ou, ainda, restabeleça a indagação fundamental do Sêr frente ao Absoluto e imponderável:

"No casco desse cavalo me disparo...
— quem o ferrou de elétrica substância?
— quem lhe deu a noção olímpica do impulso?"
(os cavalos)

Tal perspectiva gera o compromisso consciente do artista de se posicionar clara e objetivamente contra a imobilidade das estruturas que pretendem oprimir e alijar o homem de seus direitos fundamentais. Denunciando o arbítrio, o poeta assume a função social de sua linguagem.

"— é luto no mapa facial...
velho garimpeiro é gleba humana

no edital do loteamento"
(garimpo da infinitude)

“— a rede socióloga
socióloga o conflito
do homem sem leito”
(as redes)

“— na chuvada
o que fica na mata
/ colados em cada tronco/
são arcos do tronco-tórax
costelas
do seringueiro morto”
(seringal / seringueiro)

A Ótica de Silva Freire se alicerça na relação dialética que ele exerce e exercita na sua cosmovisão poética: o homem e seu habitat: — cerrado, seringal, garimpo ou canavial. Dessa praxis, como a do oleiro trabalhando o barro, define e traça a sua estética.

o olh /o / l/ eiro
do
modela o ritmo que prega
no jeito da pedra

“nas plantas dos pés
o oleiro incorpora
a espacialidade
e o linossigno
/ ritmo gráfico do barro”
(os oleiros)

Uma outra característica se observa na obra de Silva Freire: a transmutação — de ordem semântica ou contextual — presente em todos os seus poemas. A palavra se reinaugura em pura velocidade, adquire textura, volume, vira pássaro e voa. A rede se redefine em lembranças do boi que corcoveia, receptáculo da floração do algodão ou mortalha de peixe. A mensagem se robustece e se amplia — fôrma e forma — permanecendo idêntica e diversa de si mesma.

na dimensão do insólito:

“— o cavalo textil empluma seu casco
no galope do fuso
no arreio das redes
na redescoberta do pasto”
(as redes)

na instância do futuro que denuncia o saldo e o sonho do presente:

“— o garimpeiro grimpa
a escadaria do palácio
no colar da majestade...
o que brilha
é o gasto ensolarado da enxada”
(garimpo da infinitude)

Cumpre-nos ainda ressaltar duas particularidades interessantes no conjunto de obras do poeta. A primeira é a inclusão de pessoas que privam ou privaram da sua intimidade, personagens familiares que dão nome e corpo a personagens outros — anônimos — que compõem o contingente humano que seus escritos abrange.

“— nos braços murchos de Nhanhá
a rede se enrola
como bagos de algodão no descaroçador”
(as redes)

“Murillo
meu filho
/ um é a Murilo Mendes
o outro é dele mesmo
natural do cerrado culabano
profissão: pré-primário
estado civil: descalço

vivência de cinco anos

.....”
(cerrado / raízes)

“no lusco-engano da madrugada
treme na mão de
Nhonhô de Manduca
um luzir de vela-de-sebo/
pinga
pingando promessas”
(os meninos)

promessas”

A segunda é a reconstrução sistemática do verso de um poema dentro de um outro poema — é de continuidade e desdobramento (o fio de Ariadne?) que percorre os intrincados labirintos de sua criação.

Se tudo o que até aqui dissemos não for suficiente para posicionar a obra poética de Silva Freire como uma autêntica arma de resistência cultural à toda sorte de violação que pretende sonegar ao homem brasileiro o reconhecimento de sua própria identidade e, por extensão, torná-lo objeto de uma caminho imposto e não agente detentor do seu destino, resta-nos sugerir ao leitor que se detenha, por último, no aspecto nem sempre perceptível à primeira vista, mas de importância fundamental à compreensão do autor: sua apropriação do círculo como expressão de criação permanente e fortaleza do homem.

“— na rota da atividade
na roda da idade
na rede, da vida
o oleito tati
é rotatividade do barro”
(os oleiros)

“na cadeira de urubamba
um
mudo nos olhos de birí:
que ardido rodopio...
seu desmaio no equilíbrio da
burrica”
(os meninos)

“— o seringueiro se aquece
do frio do esquecimento
— no curvo éco do abraço
enrodilhado no oco de fazer filho
(seringal / seringueiro)

“ o carvoeiro
recicla seu segredo
no mistério que circula
a requelma do parceiro”
“o carvoeiro”

No círculo, o semem, o abrigo, o nascimento, a vida dando pique — forma primeva. Círculo: receptáculo último dos infinitos poligonais. Círculo das tabas, do batororo, dos rituais africanos, do cururú e sirirí. Círculo: Ancestralidade e Reconhecimento.

Não é à-toa que chamaram Bugrinho ao menino Silva Freire, senha de luta e resistência do homem hoje: poeta maior de sua terra e sua gente

“...
— onde o limite que regulamenta
a liberdade da beleza?”
(os cavalos)”

MARIA DA GLÓRIA ALBUES